



Cira Arqueologia

N.º 7



Revista Cira Arqueologia n.º 7

O presente volume da Revista CIRA Arqueologia é a mais recente realização de um objetivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira concretizado através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, a edição regular de uma revista de arqueologia.

Criada em 2012, esta publicação tem-se pautado pelo respeito de uma linha editorial coerente. Centrando-se numa primeira linha, na investigação das ocupações humanas pré-territas, sobre o território administrativo Municipal. Mas tendo presente, desde o primeiro volume, que as atuais fronteiras administrativas não existiam para períodos mais recuados, sendo necessário contextualizar de forma mais alargada. Analisando-se assim os sítios e as comunidades a uma escala mais ampla como a da península de Lisboa e Vale do Tejo.

A Revista CIRA Arqueologia tem vindo a assumir-se, como forma privilegiada de dar público conhecimento dos principais trabalhos desenvolvidos no âmbito das atividades do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Os sete volumes já produzidos atestam de forma eloquente a qualidade e a dinâmica do trabalho ali produzido.

Um dos papéis das autarquias portuguesas consiste no inventário e defesa do património que nelas se conserva e que herdou dos seus antepassados. O Município de Vila Franca de Xira tem na última década vindo a apostar de uma forma sustentada e consistente no conhecimento do seu passado. Prova desse empenho é a realização e atempada publicação da Carta Arqueológica do seu território, as sucessivas exposições de arqueologia patentes em diversos espaços e enquadramentos institucionais, assim como, nas sucessivas campanhas de escavações arqueológicas de investigação no sítio de Monte dos Castelinhos.

Esta publicação que muito nos apraz apresentar, é constituída por oito artigos em que participam catorze investigadores incidindo a sua temática desde a Idade do Bronze até ao século XVIII.

É de sublinhar os quatro artigos que assumem um cariz monográfico em torno dos trabalhos de escavação arqueológica conducentes à construção do Centro de Saúde de Alhandra. Obra importante para os cidadãos de Alhandra. Este espaço dedicado à Saúde, pelo qual hoje se acede de forma quase telúrica, pelo antigo portal da Ermida de São Francisco ligando-se assim o passado com a atualidade. Nestes estudos ora trazidos a público, documenta-se a pertinência que estas investigações tiveram na salvaguardar de património e de conhecimento, que de outra forma se tinha obliterado. Provando-se uma vez mais, que o CEAX não se limita a escavar e a “atrapalhar” as obras, mas antes pelo contrário que o seu trabalho é essencial para a construção de uma memória coletiva da nossa comunidade, comunidade essa de que estes ossos encontrados em Alhandra nos falam de forma tão direta e apelativa.

AVEREADORA DA CULTURA



MANUELA RALHA

➤ Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Centro de Saúde de Alhandra

JOÃO PIMENTA

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA – CEAX/ UNIVERSIDADE DE LISBOA – FACULDADE DE LETRAS – UNIAHQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA)

RODRIGO BANHA DA SILVA

CAL-CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA-DPC/CML, FCSH-UNL E CHAM-NOVA

RESUMO

Apresentam-se o conjunto de fragmentos de cachimbos em cerâmica, provenientes da escavação da antiga ermida setecentista da ordem terceira de São Francisco. O estudo destes singulares artefactos permitem abordar uma das alterações impactantes nos hábitos quotidianos das comunidades europeias produzidos pelo processo de descobrimento e expansão dos séculos XV e XVI, o consumo de tabaco.

ABSTRACT

We present in this paper a set of ceramic pipe fragments from the excavation of the former seventeenth century hermitage of the Third Order of San Francisco. Studying these unique artefacts allows us to address one of the impactful changes in the daily habits of European communities produced by the process of discovery and expansion of the fifteenth and sixteenth centuries, the consumption of tobacco.

1. Introdução

O cachimbo integra-se num conjunto muito restrito de artefactos arqueológicos, cuja forma está diretamente interligada com a sua utilização, tendo uma única funcionalidade, no caso o consumo por inalação do fumo do tabaco.

Esta característica transforma-o numa fonte privilegiada para o estudo da dinâmica do consumo do tabaco. Neste sentido também, a escassez de fontes documentais e iconográficas para a história deste hábito vem reforçar a relevância da abordagem arqueológica dos fragmentos de cachimbo, por se tratar da única informação disponível com alguma expressão quantitativa.

De um ponto de vista arqueológico, por outro lado, o alto grau de conhecimento dos ritmos dos principais centros produtores, especialmente britânicos e holandeses, transformam os fragmentos de cachimbo dotados de forninho e/ou marcas em *artefactos datantes*, isto é, numa classe de materiais arqueológicos que autoriza atribuições cronológicas mais finas aos contextos onde são recolhidos.

2. Análise da amostragem

Na intervenção arqueológica do Centro de Saúde de Alhandra que é apresentada de forma circunstanciada no presente volume, identificou-se um significativo conjunto de trinta e cinco fragmentos de cachimbos, dos quais trinta e dois conservam exclusivamente parte da zona mesial da haste e três correspondem à zona do forninho.

Estes encontram-se dispersos pela totalidade da área intervencionada, correspondendo ao corpo da antiga ermida setecentista da ordem Terceira de São Francisco, encontrando-se particularmente bem documentados no ambiente 3, UE 21, de onde aliás foram recolhidos os três fragmentos de forninho e quinze das hastas.

Optámos por uma caracterização macroscópica das pastas dos exemplares exumados, tendo em conta os dados disponíveis acerca dos centros produtores e dos conjuntos estudados da cidade de Lisboa. Tendo essa análise revelado dois grupos de fabrico:

Grupo 1 - Trata-se de uma pasta bastante homogeneia, constituída por uma argila de caulino bastante depurada e com um acabamento cuidado resultando nas suas superfícies polidas ou brunidas. É o grupo mais numeroso representado por trinta e duas hastes e um forninho, figura 1, n.º 1 e n.º 4 a 34. Este tipo de fabrico é o mais comum nas produções, britânicas, Holandesas e Francesas, tendo em conta que a qualidade das pastas de caulino, fornecia uma melhor degustação dos tabacos consumidos. No entanto o tipo de acabamentos, a forma e a marca do exemplar n.º 1 parece indicar estarmos perante um conjunto com uma proveniência bastante precisa, dos grandes centros produtores holandeses.

A análise da marca que a fornalha n.º 1 apresenta sob o pedúnculo, constituída pelo numeral 12 sob uma coroa, e a sua comparação com os dados disponíveis acerca dos centros produtores, permite identificar este, como proveniente do principal centro produtor de cachimbos ao longo do século XVIII, a cidade holandesa de Gouda, cujos estudos atingiram um alto grau de precisão na definição de cronologias e no conhecimento da dinâmica dos diferentes artesãos fabricantes, constituídos em corporação (DUCO, 1982, 1987 e 2003). Diversos fabricantes utilizaram esta marca nos seus cachimbos desde o ano de 1715 a 1870, (Duco, 2003: 188), contudo tendo presente a análise conjunta dos conjuntos cerâmicos e a sua associação estratigráfica é plausível estarmos perante uma marca de *Cornelis Verhoef*, activo entre 1715-1720/6 (ou já com a sua viúva, *Classe Spiering*, entre esta última data e 1730), ou *Pieter Peuselaar*, que produziu cachimbos em Gouda entre 1731 e 1748 (ou já com a sua viúva, *Pieternelle Jongkind*, no lapso 1748/9), ou então perante o fabricante que lhes sucede *Abraham van der Spelt* que produz de 1749 a 1773 (Duco, 2003: 188). No que diz respeito à cronologia do presente conjunto, a conjugação do seu acabamento, das marcas e da análise da medida do diâmetro do orifício das hastes identificadas (Binford, 1962) parece apontar para uma cronologia de fins da primeira metade do século XVIII, o que parece confirmar a datação dos contextos onde foram exumados

Grupo 2 - Corresponde a produções de barro vermelho. Constituídas por uma pasta de matriz calcária composta por abundantes elementos não plásticos constituídos por quartzos rolados e micas douradas. Pelas características da pasta, observáveis macroscopicamente, deverá tratar-se de uma produção local ou regional, hipótese que, a despeito de requerer confirmação mediante a sujeição a resultados de análises laboratoriais, se encontra hoje atestada por descartes de exemplares defeituosos no quadro de uma olaria na zona da Graça, em Lisboa (informação oral de Filipe Oliveira, a quem se aproveita para agrade-

cer a autorização da divulgação). Este tipo de fabrico corresponde aos exemplares já publicados de outras escavações na cidade de Lisboa, nomeadamente Hospital Real de Todos os Santos (Martins, 1988), Rua dos Correiros, Rua das Pedras Negras, Casa dos Bicos e, mais recentemente, no Caminho de Ronda do Castelo de São Jorge (Calado, Pimenta e Silva, 2003). A escassa representatividade destas produções leva a que se suponha que estas não se destinariam ao fabrico em grandes quantidades e com intuito comercial em larga escala, mas sim que tencionavam satisfazer uma procura de quem não teria acesso às produções ditas de maior qualidade (Pimenta, Calado e Silva, 2008).

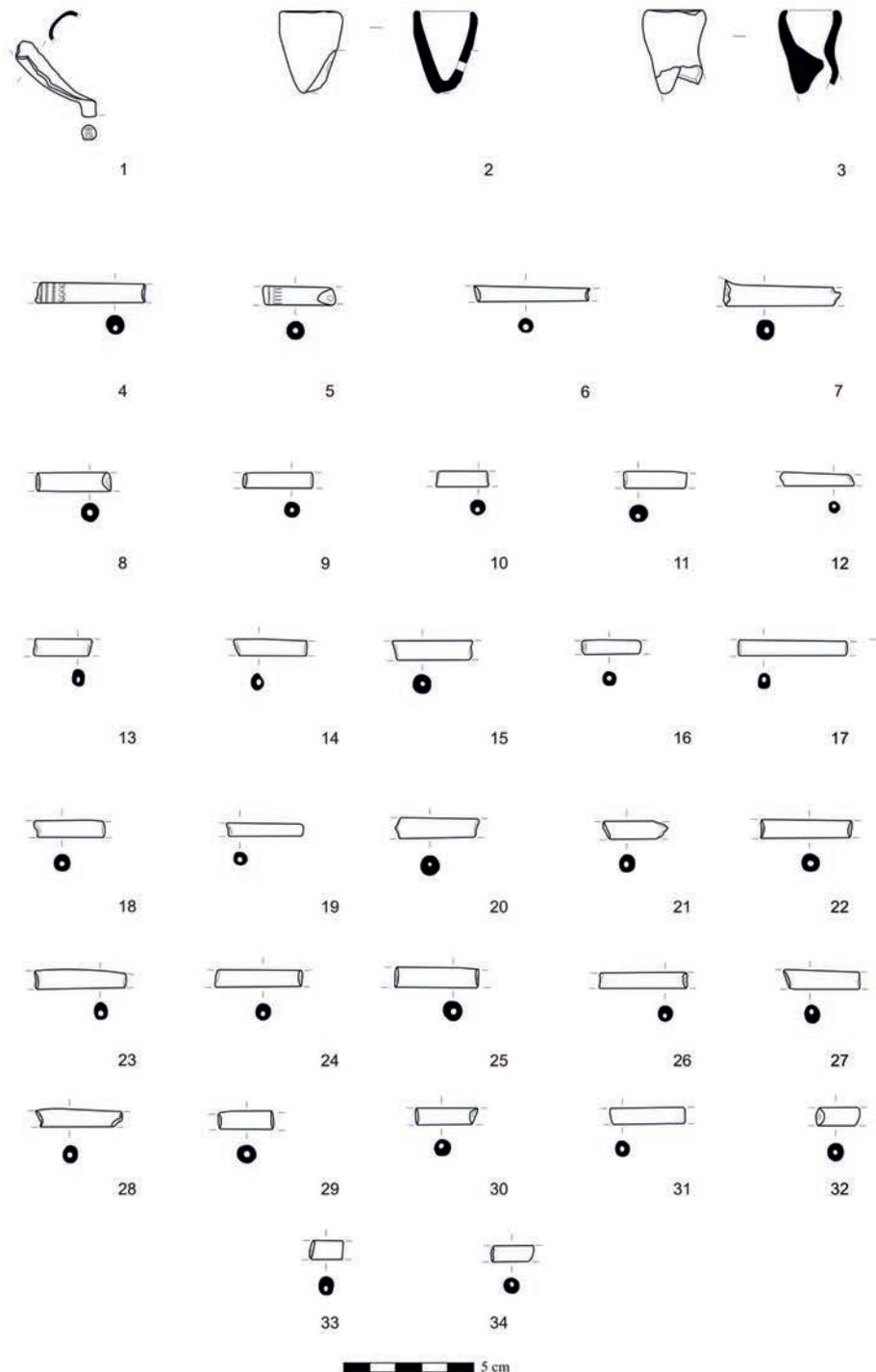


Figura 1
Desenhos do conjunto de cachimbos de argila recolhido na escavação do Centro de Saúde de Alhandra.

Figura 2

Fotografia do forninho de cachimbo holandês da cidade de Gouda com marca.



Figura 3

Pormenor da marca 12 coroado produzido na cidade de Gouda.

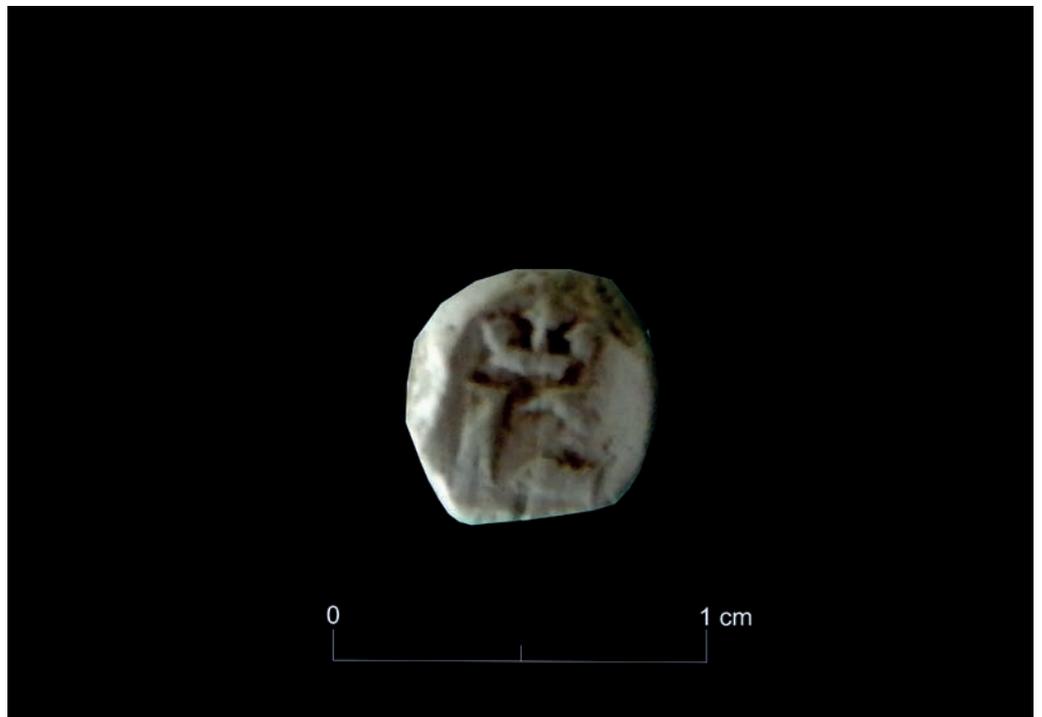


Figura 4

Imagem dos dois
fornilhos de argila
vermelha e de
provável produção do
vale do Tejo.



3. Comentário final

O consumo de tabaco em cachimbo constitui uma das principais alterações nos hábitos europeus produzidos pelo processo de descobrimento e expansão dos séculos XV e XVI.

Prática das populações autóctones da América Central e do Sul, os primeiros ocidentais que a adquiriram foram objeto de espanto e admiração: um dos participantes das primeiras viagens ao continente americano, Rodrigo de Xerxes, ao retornar com esse hábito a Ayamonte (Andaluzia, Espanha), sua terra natal, foi por isso acusado de actos de bruxaria e pacto com o Diabo pela Santa Inquisição (Levardy, 1994, pág. 18).

Apesar da presunção da importância de Portugal na difusão do tabaco e do cachimbo, o seu papel é ainda pouco conhecido e estudado. Sabemos, porém, que segundo o testemunho de 1525 de Pierre Grignon, o hábito de fumar era já comum em Lisboa, e que inclusive isso influenciava os marítimos estrangeiros que por aí passavam (Idem, pág. 19). O nome então dado na capital ao fumo era “petum”, termo indígena brasileiro para o tabaco, o que lhe denuncia a origem (Mello, 1983).

O papel de Lisboa na divulgação da planta do tabaco foi fulcral: Jean Nicot Villemain, nomeado em 1559 embaixador do rei Francisco I de França, na corte portuguesa, tomou conhecimento através do seu amigo então Guarda-Mór do Reino, Damião de Gois, de uma estranha planta, entrando em contacto com as suas características salutares nos jardins do humanista no Castelo de São Jorge (Levardy, 1994), tendo eternizado o seu nome, com a posterior designação científica que lhe atribuiu: “*Nicotiana Tabacum*”.

A expansão da plantação de tabaco, como uma das produções a serem exploradas nos novos territórios, foi tão rápida que, já em 1600, se verificava a sua introdução no Japão (Martins, 1988), tendo-se generalizado a sua exploração, sendo logo claro a diversidade da qualidade dos tabacos consoante a sua variante regional e de fabrico.

Para as sociedades europeias dos séculos XVII e XVIII, o tabaco era uma planta medicinal de efeitos inúmeros e eficazes, sendo inclusive alvo de estudos e de publicações tendo em conta a sua utilização farmacopeia. Como o de Issac el Zevirius em 1626, "Tabacologia –Descrição do tabaco e Nicotiniana na Medicina, cirurgia e farmácia". Por essa razão, não é de estranhar o seu achado em contextos arqueológicos como os do Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra, do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa e do Hospital Militar de São João de Deus, no Castelo de São Jorge em Lisboa.

Outro aspeto a ter em consideração é o de que o consumo do tabaco em cachimbo suplantou, progressiva e facilmente, o de tabaco enrolado ao longo do século XVII, devido aos problemas de embalagem e transporte que prejudicavam a qualidade do produto no seu trajecto marítimo.

Nesse momento emergem então os grandes centros produtores de cachimbos em argila, entre os quais se destacou o da cidade de Gouda (Holanda), aliás representado entre os achados em análise. Não é por acaso que os principais centros de fabrico de cachimbos se ubicaram em território das principais potências marítimas dos séculos XVII e XVIII, simultaneamente detentoras das principais extensões de plantação de tabaco nas suas possessões ultramarinas: os Países Baixos e a Inglaterra.

O papel deste objecto no tráfico comercial deste período parece relevante, sendo comum a sua presença em contextos arqueológicos dos principais portos marítimos, onde desempenhava o papel de mercadoria de troca a par de outras manufacturas, tratando-se de um dos produtos que permitia uma maior obtenção de mais-valias (Silva e Guinote, 1998).

O cachimbo, porém, vem revelando uma muito menor penetração em ambientes rurais e menos cosmopolitas. Este facto poderá relacionar-se com os contornos sociais do consumo, dado que de um ponto de vista documental está atestado o seu alto grau por grupos muito específicos, como sejam os pescadores, os mareantes e os militares.

O conjunto proveniente da Ermida de São Francisco de Alhandra deverá ser entendido à luz destes conhecimentos, assim, muito embora o conjunto não seja numeroso, possui uma expressão quantitativa que deverá ser ponderada em relação com a dimensão do espaço escavado.

Por outro lado, encerra uma grande homogeneidade cronológica e de origem, dado que os atributos dos fragmentos permitem situá-los no século XVIII, encontrando-se melhor representadas as importações do norte da Europa com as típicas argilas de caulino.

Estas observações, apesar de limitadas pela impossibilidade de adscrição a um grupo social específico dos contextos arqueológicos onde foram recolhidos, permite enfatizar o certo cosmopolitismo que transmite este conjunto de Alhandra, o que confere com os contornos históricos do local de porto do Tejo com fortes ligações ao mundo naval.

4. Bibliografia

- AA.VV (1993) - *Hospital Real de Todos-os-Santos*. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.
- ALEXANDER, L. T. (1983) - Clay Tobacco Pipes from the Caleb Pusey House. *The Archaeology of the clay Tobacco Pipe*. VIII-AMERICA. B.A.R. International Series. 175, p.195-234.
- ALEXANDER, L. T. (1983) - More Light on the theory of dating clay Pipes by Measuring Steam Hole Diameters. *The Archaeology of the clay Tobacco Pipe*. VIII-AMERICA. B.A.R. International Series. 175, p.235-244.
- BINFORD, L. R. (1962) - New Method of calculating dates from Kaolin Pipe stem fragments. *Southeastern Archaeological conference News Letter*. Vol. 9. n.º 1. Cambridge.
- CALADO, M., PIMENTA, J., SILVA, R.B. (2003) - Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa”, *Património Estudos*. 5. IPPAR, Lisboa, p.83-95.
- CALADO, M., PIMENTA, J., FERNANDES, L.; MARQUES, A. (2013) – Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 16, p. 383-392.
- DUCO, D. H. (1982) - *Merken van Goudse pijpenmakers 1660-1940*. Uitgeversmaatschappij DeTijdstroom Lochem/Popringe.
- DUCO, D. H. (1987) - *Die Nederlandse Kleipijp, Handboek voor dateren en determineren*. Pijpenkabinet-Leiden.
- DUCO, D.H. (2003) - *Merken en merkenrecht van de pijpenmakers in Gouda*. Amsterdam, Pijpenkabinet.
- HARRINGTON, J. C. (1954) - Dating stem fragments of Seventeenth and Eighteenth century clay tobacco pipes. *Archaeological Society of Virginia Quarterly Bulletin*. Vol.9. n.º 1, p. 9-13.
- HIGGINS, D. A. (1997) - The identification, analysis and interpretation of tobacco pipe from wrecks. In *Artefacts from Wrecks*. edited by Mark Redknap, p. 129-136.
- KAIJSER, I. (1980) - Clay pipes from three eighteenth century wrecks in Sweden. *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe*. IV. Edit by Peter Davey. B.A.R. International Series. 92.
- LECRAIRE, A. ; et LECRAIRE, M. (1986) - *Naissance de la Pipe en Terre a Saint-Quentin - la Poterie*. Tome I. Tradicion et Activité.
- LECRAIRE, A. ; et LECRAIRE, M. (1986) - *Naissance de la Pipe en Terre a Saint-Quentin - la Poterie*. Tome II. Fabricacion et Production.
- LEVARDY, F. (1994) - *Our Pipe Smoking Forebears*. Druckhaus oberpfalz. Germany.
- MARTIN, C. J. (1983) - A Group of Pipes from The Dutch East Indiaman Kennemerland –1664. *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe*. X. SCOTLAND. B.A.R. British Series. 178. Oxford, p. 211-224..
- MARINS, M. (1988) - Três cachimbos de Barro do Hospital de Todos-os-Santos. Lisboa - *Revista Municipal*. 2ª Série. n.º 23. 1º Trimestre de 1988, p.16-18.
- MARTINS, M. (1995) - Um Fragmento de tubo de Cachimbo da Secção II, Contexto n.º 8 do Moinho de Alfragide (MV-21.07) (AMADORA). In *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela ,p. 365-366.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; SILVA, R.B. (2008) – Cachimbos de cerâmica provenientes das escavações do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Actas das 4.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela. 2000, p. 335-353.
- PINTO, M. ; FILIPE, I.; MIGUEL, L. (2011) - Cachimbos de caulino provenientes do mercado da Ribeira: Contributo para a história sócio-económica da Lisboa Moderna. *Apontamento de Arqueologia e Património* – 7, p. 41-47.
- RODRIGUES, F. M. (1994) – Hospitais Militares. In *Dicionário da História de Lisboa*. Direcção de Francisco Santana e Eduardo Sucena. Lisboa 1994, p. 446-449.
- RITTER, J. ; DAVEY, P. (1980) - Clay pipes from Chester. *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe*. III. Edit by Peter Davey. B.A.R. British Series. 78.
- SILVA, R.B.; GUINOTE, P. (1998) - *O quotidiano na Lisboa das Descobrimentos*. Grupo de Trabalho do Ministério de Educação paras as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa.

